

# A ATUALIDADE DO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE

CAVALCANTE, LUCÍOLA INÊS PESSOA

## RESUMO

O pensamento de Paulo Freire permanece atual. Aos que procuram desqualificá-lo, respondemos, neste texto, com a afirmação da fecundidade e vigor de suas ideias, expressas em seu gosto de perguntar, na necessidade de indignar-se, sempre por ele reforçada, e em seu compromisso com a esperança – por uma pedagogia da esperança.

## PALAVRAS-CHAVE

*Fake News*. Indignação. Paulo Freire. Pedagogia da esperança.

## ABSTRACT

Paulo Freire's thoughts remain up to date. To those who seek to disqualify him, we respond, in this text, with the fruitfulness and strength of his ideas, expressed by his love of questioning, in the need of being indignant, which he always reinforced, and through his commitment to hope – for a pedagogy of hope.

## KEYWORDS

*Fake News*. Indignation. Paulo Freire. Pedagogy of hope.

## DE ONDE PARTIMOS

No período compreendido entre maio e junho de 2019, foi oferecido um curso em EaD, pelo Instituto Paulo Freire, intitulado *Paulo Freire em tempos de fake news*. Mesmo partilhando da indignação frente aos ataques infundados, tendenciosos e, portanto, injustos, a Paulo Freire, minha primeira reação foi pensar que se estava dando muita importância a pessoas que sequer mereciam nossa atenção, pelo desconhecimento que revelavam/revelam de sua obra. Num segundo momento, entretanto, ponderei o quão valioso seria esse encontro de pessoas que o estudam, o admiram, o têm como inspiração, ou mesmo para os que desejam conhecê-lo um pouco mais. E assim o foi. Valem, porém, algumas considerações.

A propagação de notícias falsas sempre existiu e continuará proliferando. Se o termo é novo – *fake news* –, a prática é antiga. A diferença reside na velocidade em que essas falsas notícias são divulgadas, em nossos dias, sobretudo via redes sociais. Também não se pode ter a ingenuidade de pensar que os que propagam *fake news* sobre Paulo Freire estão interessados em conhecer o seu pensamento. Quem espalha *notícias falsas* não tem compromisso com a verdade. Se não age com má fé, o faz, no mínimo, por irresponsabilidade, inconsequência.

Os rótulos atribuídos a Paulo Freire, por sua vez, revelam um enorme desconhecimento de seu pensamento, de suas posições tão claramente defendidas, de seu enorme respeito pelo ser humano e seu direito de pensar e expressar suas posições com liberdade. Assim, quando vemos, por exemplo, Paulo Freire apontado como um doutrinador, facilmente se percebe que só mesmo vindo de quem o desconhece, desconhecendo, também, a sua obra, o seu testemunho de vida. Num diálogo com alunos de 7ª e 8ª séries da Escola Vera Cruz, de São Paulo, em 20 de outubro de 1988 (publicado em seu livro organizado por Ana Maria Araújo Freire – *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*), Freire se expressa com clareza a esse respeito, a ponto de afirmar: “[...] para mim, dever de um professor democrático jamais pode ser o de quem pretende domesticar o aluno e impor a este a sua crença, a sua posição política” (p. 109).

Se há uma tentativa de intimidação, de silenciamento, fica muito claro que é porque as ideias de Freire incomodam. Se incomodam, já é um bom sinal, uma vez que se vive um período de obscurantismo, de polarização que se arrasta por muitos anos, de muito discurso, muita retórica e pouca vivência. Há uma desenfreada tendência à banalização. Banaliza-se a violência, a corrupção, a intolerância, a irresponsabilidade com a “coisa pública”, enfim, para onde nos movemos, encontramos discursos justificadores das mais diversas e injustificáveis ações. Tempos de barbárie. Felizmente o tempo não é só *chronos* – tempo do calendário e do relógio – mas *kairós* – tempo de oportunidade e de possibilidade. E é neste *kairós* que a companhia de Freire se mostra, para mim/para nós, imprescindível, para pensar, como ele tão bem defendeu, a história como possibilidade.

Quando se assiste a tanta defesa do pragmatismo e de direitos individuais, em detrimento de direitos coletivos, em que enfrentamos enorme crise moral e no trato do social, lembramo-nos do conhecido educador popular colombiano, Marco

Raúl Mejía (1999), a nos advertir: “[...] essa lógica da sobrevivência individual [nos] livra de co-responsabilidades para com outros e, portanto, [nos] coloca frente a uma moral de situação” (p. 57). Quando a lógica do mercado a tantos fascina e cega, Freire nos convida a entender que a Pedagogia da Indignação é companheira da Pedagogia da Esperança e que é preciso aprofundar a tensão entre a denúncia e o anúncio.

Ao defender uma ética integral do ser humano, Freire coloca em questão a “ética do mercado”, regida pela “lógica do controle”, que naturaliza a desigualdade. Indignando-se sempre com injustiças, com toda forma de opressão e de discriminação, contra elas se posicionando com firmeza, nunca, porém, perdeu a brandura, a amorosidade, a afetividade. Com facilidade compreende-se, portanto, o quanto sua postura incomodou e continua incomodando aos que defendem os seus próprios interesses, justificam a pobreza e a desigualdade porque delas se beneficiam.

Nesse sentido, quando tentam desqualificar Paulo Freire, propagando falsas notícias, deturpando suas ideias, atribuindo-lhe palavras por ele não proferidas, posições por ele não defendidas, eis que ele volta ao palco, que se torna iluminado pela força de seu pensamento, pela fecundidade de suas posições. Assim como “quando o feitiço vira contra o feiticeiro”, diante dos ataques a Freire, o Brasil se mobiliza e o homenageia, multiplicam-se os eventos a celebrá-lo, revelando o quão viva está a sua obra, a importância de seu legado.

A relevância do pensamento de Paulo Freire também pode ser constatada no acervo Paulo Freire, do Instituto Paulo Freire, centro de referência para os estudiosos de sua obra. Aí podem ser encontradas as bibliotecas de Freire pré e pós-exílio, com exemplares de diferentes áreas do conhecimento. Além disso, farto material, envolvendo teses, artigos, publicações variadas que mostram a repercussão de seu pensamento, a sua importância na história das ideias pedagógicas. Foram muitos os títulos de Doutor Honoris Causa, recebidos por Freire em universidades brasileiras e em outros países, que também revelam o reconhecimento internacional ao seu trabalho. De igual modo, é evidenciado esse reconhecimento pelas múltiplas traduções de seus livros em diferentes línguas. É inútil, portanto, quererem desmerecer a sua obra.

Tendo na coerência entre palavras e ações uma de suas expressivas marcas, insurgindo-se contra o entendimento fatalista da história, antes – vale reforçar – vendo-a como possibilidade, fácil é compreender o quanto o seu testemunho incomoda nesses tempos sombrios que estamos vivendo. Como não há interesse em debater ideias, muito pelo contrário, a maneira encontrada pelos que defendem uma escola que não leve o(a) aluno(a) a pensar, é espalhar notícias falsas, para um público, não raro, pouco afeito à reflexão.

Nesse cenário, senti-me estimulada a visitar Freire, destacando a fecundidade de suas ideias, expressas em seu gosto de perguntar, na necessidade, sempre por ele reforçada, de indignar-se e em seu compromisso com a esperança.

## DO GOSTO DE PERGUNTAR

“Curiosidade epistemológica” é a expressão que Freire usa para, contrastando com a “curiosidade ingênua”, própria do senso comum, designar o pensar crítico (FREIRE, 1995; 1997). Ressaltando que cabe ao professor(a) respeitar o senso comum com vistas à sua superação, indica, também, que é preciso estimular a consciência criadora do educando, comprometendo-se com o desenvolvimento de sua consciência crítica, uma vez que do pensar ingênuo não se sai automaticamente. Ao educador progressista cabe, portanto, desafiar o educando a ir além da mera descrição do objeto, buscando apreendê-lo, percebê-lo em suas múltiplas relações.

Há na existência, segundo Freire e Faundez (1985), uma radicalidade, “que é a radicalidade do ato de perguntar” (p.51). Burocratiza-se a existência humana quando esta perde a capacidade de assombrar-se, de perguntar e de correr riscos. Daí a pedagogia da resposta ser uma pedagogia da adaptação, do conformismo, da ausência de criatividade, da padronização, da rotina.

Para Freire (1995), uma educação da resposta bloqueia a curiosidade, elemento indispensável ao processo cognitivo, e estabelece uma ruptura entre o responder e o perguntar. Uma educação da pergunta, por seu turno, provoca, estimula e aguça a curiosidade, percebendo-se, pois, a dialética do ato de ensinar e aprender. Perguntar e responder são, portanto, “caminhos constitutivos da curiosidade” (p.19).

Nessa linha de reflexão, aprender a perguntar e ensinar a perguntar são exigências da prática educativa democrática, que não cerceia a expressividade do ser humano em suas relações no mundo e com o mundo. Como salienta Freire (1985), “o educador autoritário tem mais medo da resposta do que da pergunta. Teme a pergunta pela resposta que deve dar” (p.47). O educador progressista, ao contrário, reconhece como sua a tarefa de estimular, em si e nos educandos(as), a curiosidade, a dúvida, a capacidade de criticar, a habilidade de questionar, o gosto de arriscar-se, a aventura de criar e o prazer de viver.

Defender uma “pedagogia da pergunta”, sobretudo no âmbito da escola, tão afeita a imposições, a regras e à estandardização, constitui-se um ato que demanda coragem, posicionamento firme, apoiado em bases sólidas, fruto do que Freire chama de clareza política – que implica uma compreensão mais rigorosa dos fatos.

Por outro lado, uma “pedagogia da pergunta” só pode existir na atitude humilde de quem reconhece o caráter provisório e histórico do conhecimento; na atitude de quem, admitindo sua própria inconclusão, seu inacabamento, move-se na busca.

## DA NECESSIDADE DE INDIGNAR-SE

Para romper com toda a herança e prática de acomodação, de passividade, tão cara ao ambiente escolar, é preciso que não se perca a capacidade de indignação: diante de pessoas, fatos, situações, enfim, de toda realidade opressora, injusta e desumana. O ato de indignar-se exige compromisso. E só existe compromisso, prática solidária, dialógica – própria do viver humano – no engajamento, na postura crítica diante da realidade concreta, no ato corajoso de assumir posições, de defendê-las.

Nesse sentido, é preciso compreender que diálogo e conflito não se opõem. Como Gadotti, Freire e Guimarães (1985) ressaltam, “no fundo a Pedagogia do Conflito é dialógica, assim como o diálogo se insere no conflito” (p.123).

Freire nunca perdeu a capacidade de indignar-se. Seu último livro – “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente” – está impregnado de indignação contra a transgressão da eticidade, contra a arrogância dos que se acham cheios de si mesmos, contra qualquer manifestação de discriminação, contra a covardia dos que se ancoram em sua posição de poder para afrontar os outros, contra qualquer forma de dominação. Daí falar “da resistência, da indignação, da ‘justa ira’ dos traídos e dos enganados” (p.113-114). Em entrevista à Nye Ribeiro Silva (1996), Freire, referindo-se ao descaso com que é tratada a educação e seus profissionais em nosso país, conclama os educadores brasileiros a assumir e bradar a sua indignação. E acrescenta: “Eu não morreria em paz sem proclamar que sou um pedagogo indignado” (p.11).

Para sermos decentemente tratados precisamos brigar, reinventar nossas lutas, descobrindo maneiras mais eficazes de resistir. Freire (2004), denuncia haver “um desrespeito vergonhoso e aviltante do Poder Público neste país, desde que inventaram a sociedade brasileira até hoje, com relação à educação de modo geral e com relação à prática docente” (p.10). Calar e acomodar-se diante desse quadro é contribuir para a sua legitimação e perpetuação. A briga diante de tal situação é necessária, é pedagógica.

Num mundo como o nosso, que a tudo banaliza, naturaliza, que desdenha da dor, a voz de Paulo Freire permanece firme, viva, plena de sentido, ressaltada na prática dos que, identificados com o seu pensamento, com as suas ideias, procuram recriá-los em seu dia-a-dia. Suas palavras, valorizadas pelo seu testemunho, inspiram discursos e ações daqueles que se rebelam diante de uma ordem social injusta, excludente.

## **POR UMA PEDAGOGIA DA ESPERANÇA**

Reiteradas vezes Paulo Freire declarou não entender a existência sem esperança e sem sonho. A esperança, alerta-nos, “é necessidade ontológica; a desesperança, esperança que, perdendo o endereço, se torna distorção da necessidade ontológica” (Freire, 1992, p.10). Tendo clareza de que a esperança na libertação, conquanto fundamental, não é tudo, faz-nos sempre lembrar de que é necessário lutar por ela. Se condições historicamente favoráveis a ela não existem ainda, é preciso batalhar para criá-las.

Da esperança e com esperança Freire falou e testemunhou. Não se trata, porém, da defesa de uma esperança ingênua, mas de uma esperança crítica, ancorada na prática, desveladora de possibilidades, parte do próprio processo de buscar, no qual estamos todos envolvidos, como seres inacabados que somos. Nas palavras de Freire (1992), “sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se” (p. 91).

Para Freire (2001), “é impossível existir sem sonhos” (p.35). Mostrando-nos que não é possível haver mudança sem sonho e nem sonho sem esperança, Freire (1992) manteve-se sempre fiel aos seus sonhos, refazendo-os ou retocando-os, quando necessário, e procurando ser o máximo convincente na defesa dos mesmos. Nunca, porém, tentou reduzir tudo à sua verdade, impondo aos outros os seus pontos de vista ou fazendo-os calarem-se quando dele discordavam. Sempre soube respeitar o direito que cada um tem de falar, de pronunciar-se, de opor-se, com seriedade, aos seus argumentos.

Segundo Freire (1995), o que o fazia esperançoso não era tanto a certeza do achado, mas o próprio movimento da busca. Entendendo que “não é possível buscar sem esperança; nem tampouco, na solidão” (p.87), Freire mostra-nos como é imperioso mantermos a esperança, ainda que a dureza da realidade nos deixe abatidos. É mister, por conseguinte, a compreensão de que lutar pela esperança significa denunciar desmandos, negócios espúrios, omissões e irresponsabilidade no trato com a coisa pública. Denunciando-os, adverte-nos, “despertamos nos outros e em nós a necessidade e também o gosto da esperança” (p. 87).

Seu livro “Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido” (1992), escrito com indignação, com raiva, mas sempre “com amor, sem o que não há esperança” (p. 12), revela-nos um intelectual cuja prática foi marcada sempre pela busca de tornar viável o sonho pela humanização. Reconhecendo o caráter processual dessa busca, viveu uma pedagogia eminentemente dialógica. De fato, a relação dialógica, impregnada de esperança, sela o ato de conhecer e é fundamento de toda pedagogia emancipatória.

A prática educativa, em suas múltiplas dimensões, é sempre esperançosa. Educadores sem esperança contradizem sua prática, roubando-lhe o vigor e a alegria indispensáveis ao ato de ensinar e aprender. Se deixarmos-nos aprisionar pela desesperança, tornamo-nos, também, presas fáceis da acomodação, do desencanto e do desamor. Abatidos existencialmente, chegamos, facilmente, ao imobilismo, à negação da história como possibilidade. É vital, pois, resistir, compreendendo que, se às vezes é difícil manter a esperança, é impossível existir sem ela, já que somos humanos: seres que se movem na esperança.

## **O VIGOR DO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE**

Para a obra de Paulo Freire não existem fronteiras. Mundialmente conhecido e reverenciado, como já salientado, Freire não apenas teorizou sobre o ser humano como um ser de relação, incompleto, em busca de sua “completude”, capaz de transcender e de ser sujeito de sua história. Na verdade, essa foi sua experiência de vida. Com tal compreensão, trabalhou sempre com uma visão ampliada do educativo, para além da educação estritamente escolar. Isso não quer dizer, porém, que a educação escolar tenha ficado fora de suas preocupações. A escola pública, democrática, popular, em especial, foi alvo de inúmeras reflexões.

Se a “pedagogia do oprimido” imprime unidade a toda a obra de Freire, em coerência com a sua vida de educador militante, é claro que a “politicidade” da

educação é categoria nela marcante. Educa-se a favor de alguém e contra alguém, dizia ele. A neutralidade é impossível. Esta constatação da “politicidade”, da não neutralidade da educação, nos coloca sempre, como educadores, a nos indagar a quem está servindo o nosso trabalho. Estará contribuindo para o estabelecimento de relações sociais mais justas, de qualidade nova, ou estará reforçando a acomodação, justificando a desigualdade, favorecendo a manutenção do instituído?

Não que Freire deixe de reconhecer os limites da prática educativa. Entretanto, preocupa-se mais em reforçar que se a mudança social não se dará apenas pela via da educação, também não ocorrerá sem o concurso desta. Encarando a pedagogia como uma prática educativa e política, com espaço e tempo na esfera da cultura e, por conseguinte, no mundo das escolas, ajuda-nos a enxergar que nelas a exclusão apresenta características e processos culturais específicos (MEJÍA, 1999)

Para tanto, discute as relações de poder presentes no interior de nossas escolas e argumenta sobre a necessidade de construir uma nova cultura política, radicalmente democrática. Como uma das exigências éticas para essa construção, enfatiza a necessidade de se buscar coerência entre o discurso e a prática. E aqui ganha destaque a sua defesa por atitudes de tolerância e humildade; com o entendimento de que ser tolerante não é ser conivente com o intolerável e de que humildade nada tem a ver com humilhação ou subserviência, mas contra posturas arrogantes, sectárias, que não toleram a diferença, deixando de aproveitar o muito que podemos crescer com as diferenças, consideradas, portanto, como um valor.

Assim, destacando a construção democrática como processo, ressalta que a gestão democrática implica efetiva descentralização do poder na tomada de decisões, por conseguinte, participação. Com a herança autoritária que temos, esta não é uma tarefa fácil; requer perseverança e visão processual. Mas, com Freire aprendemos a capacidade de “esperançar”, de sempre buscar, de não desistir.

E precisamos muito dessa capacidade de esperançar quando nos debruçamos e criamos a coragem de refletir sobre nossas práticas concretas. O agir e o refletir criticamente só se tornam tarefa fácil quando nos colocamos na condição de espectadores. Entretanto, se a crítica só tem sentido se primeiro se faz autocrítica, precisamos de muito exercício de humildade, coisa rara em nossos tempos, para enxergar as mudanças que se fazem necessárias – partindo da autorreflexão para a imprescindível reflexão coletiva, grande motor da esperança.

## **PAULO FREIRE – SEMPRE PRESENTE E RESSIGNIFICADO**

Inspirados em Freire, reconhecemos que precisamos de clareza política para perceber que nem todos “estamos no mesmo barco”, temos o mesmo projeto de sociedade, sonhamos com a construção de um mundo mais humano e justo. Outros sonhos se emparelham aos nossos. Outras lutas, mais abertas ou mais veladas, são travadas na arena social. Então, ponderemos: um educador que sempre teve e defendeu um profundo respeito ao educando(a), aos seus gostos, aos seus saberes, à sua formação; que respeitou intensamente e advogou o respeito à experiência e à identidade cultural dos(as) educandos(as), que defendeu ainda:

- a não neutralidade da educação;
- a formação profissional como formação humana, permanente, que não para nunca;
- a educação como experiência ético-humanista-libertadora;
- a tese da unidade na diversidade;
- a necessidade de investigar como o ser humano aprende;
- a necessidade de aprender a ouvir o outro, ao invés de vociferar e impor suas ideias, este educador, efetivamente, defende posições ameaçadoras ao que está instituído, à pedagogia dos privilégios.

Por fim, trazemos à consideração algo em que ele tanto insistiu: precisamos reinventá-lo e recriá-lo conforme as demandas – pedagógicas e políticas – de cada situação específica. Reinventá-lo significa entender a substantividade de suas ideias, sem querer reduzi-las a mera técnica. E é ele mesmo quem propõe, em sua obra “Pedagogia dos sonhos possíveis” (2001, p. 60-61), a partir de suas convicções políticas e filosóficas:

- a necessidade de respeitar o outro e, portanto, opor-se radicalmente à discriminação racial, à discriminação de gênero, discriminação de classe e discriminação cultural;
- a compreensão da história como possibilidade;
- o amor incondicional pela liberdade e a certeza de que podemos nos tornar seres transformativos e não adaptativos, seres dialógicos com a capacidade de tomar decisões e enfrentar, inclusive, necessárias rupturas;
- o reconhecimento das condições econômicas, culturais, políticas e históricas de cada contexto específico, e que exigem novos requisitos metodológicos e táticos.

A obra de Paulo Freire permanece viva, sobretudo na prática de quantos, acreditando na fecundidade de suas ideias, procuram recriá-las em seu cotidiano. Sua utopia, entendida como relação dialética entre denúncia do presente e anúncio do futuro (FREIRE, 1987), é também nossa utopia. Com Freire acreditamos ser possível a antecipação do amanhã através do que sonhamos hoje. Com ele cremos não ser possível entender a existência humana, e a necessária luta para torná-la melhor, sem sonhos e esperança.

Longe de tentar cristalizar suas ideias, mas entendendo-as como fruto de sua práxis e, portanto, produto existencial e histórico, reconhecemos ser nossa tarefa expandi-las, recriá-las, no pensar e fazer educação na perspectiva das camadas subalternas, dos despossuídos; na compreensão de que a “Pedagogia da esperança” é uma pedagogia eminentemente ética.

Insistimos, pois, que é preciso ressignificar, recriar Freire com urgência. Não podemos esquecer que o tempo é também *chronos*. Mas nos fixemos no modo como os gregos o expressavam – *kairós*. Neste, esperamos que seja proibida a indiferença. Recorramos, pois, à inspiração do grande poeta Mario Quintana, em seu poema

### **Jardim interior**

Todos os jardins deviam ser fechados,  
com altos muros de um cinza muito pálido,  
onde uma fonte pudesse cantar sozinha  
entre o vermelho dos cravos.

O que mata um jardim não é mesmo  
alguma ausência  
nem o abandono...

O que mata um jardim é esse olhar vazio  
De quem por eles passa indiferente.

Que nos disponhamos a romper com a ação cotidiana repetitiva, bem como com a teorização estéril, o que será possível mediante a práxis, que nos impulsiona na busca pela transformação das estruturas que nos desumanizam, ao mesmo tempo em que nos transformamos. Permaneçamos, pois, com a capacidade de esperar renovada. Como tanto nos ensinou nosso querido Paulo Freire – Patrono da Educação Brasileira – mudar é difícil, mas é possível.

## REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- \_\_\_\_\_. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'Água, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Ana Maria Araújo Freire (Org.). São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da tolerância. Organização e notas Ana Maria Freire*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Trad. Adriana Lopes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Pedagogia: diálogo e conflito*. São Paulo: Cortez – Autores Associados, 1985.
- MEJÍA, Marco Raúl. *Paulo Freire na mudança de século: um chamamento para reconstruir a práxis impugnadora*. In: STRECK, Danilo R. *Paulo Freire: ética, utopia e educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- SILVA, Nye Ribeiro. *Entrevista Paulo Freire – O Profeta da esperança*. *Dois Pontos*, 3 (24): 6-13, jan/fev., 1996.
- QUINTANA, Mario. *Jardim interior*. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/ODIwNjY0>>. Acesso em 30 de novembro de 2019.

**Lucíola Inês Pessoa Cavalcante** é Professora aposentada da Universidade Federal do Amazonas. Doutorado em Educação pela Vanderbilt University (EUA) e Pós-Doutorado pela USP. Experiência na área de Educação, com ênfase em Formação e Práxis do Educador, atuando, principalmente, em: formação de professores; educação escolar indígena; ensino superior; formação docente em saúde. Contato: [luciolapessoa@yahoo.com.br](mailto:luciolapessoa@yahoo.com.br).